

## **OCUPAS: CIDADES, RESISTÊNCIAS E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADE (CONTINUAÇÃO)**

Coordenador: Carolina dos Reis

É pelo corpo que experienciamos o que é ser, estar e (não) pertencer a certos espaços, e também é por ele que somos capazes de expressar, criar e desestabilizar o meio que habitamos. Um corpo não é sozinho. Sua existência é tramada em rede, com outros corpos, com condições que garantem ou restringem as possibilidades de ir e vir. De acordo com marcadores sociais, com as origens culturais e familiares e com os processos de subjetivação que lhe constituem, estabelece relações e vivencia distintas experiências com o espaço urbano. Sobre o corpo se inscrevem, ainda, tecnologias de controle que buscam fixá-lo em algum lugar dentro ou fora dos parâmetros da curvatura do "normal": a partir do enquadramento forjado pela estereotipia branca cisheteronormativa, da aceitação dessa ficção dominante, corpos localizados fora da curva são expostos à vulnerabilidade ao recusarem a invisibilização. Desumanizados, tornam-se alvos da curiosidade, do espanto, da violência, da negação do acesso a direitos básicos, como a moradia. A gestão das cidades interfere diretamente no modo como nos relacionamos no espaço urbano. A capital gaúcha tem sido produzida e reestruturada a partir de uma lógica que dificulta o acesso à cidade e à moradia por parte das populações historicamente subalternizadas. Surge, nesse contexto, a necessidade de construção de territórios de pertencimento, reivindicando o direito de ocupar a cidade, e de viver livremente as expressões de gênero e sexualidade. Nesse cenário, o projeto "Ocupas: cidades, resistências e produção de subjetividades" busca desenvolver ações ligadas à democratização do acesso à cidade e à moradia por meio da parceria com outros grupos de pesquisa/extensão, movimentos sociais e populações que vivem em ocupações urbanas. Atuamos em ações diretas, ligadas à luta por moradia digna; no apoio psicossocial, com grupos terapêuticos, mediação de conflitos e acompanhamento terapêutico (AT). Enquanto clínica que entende a subjetividade como produção política de um corpo inscrito em um território, o AT se torna uma importante ferramenta, à medida que nos possibilita acompanhar cotidianos de vida, favorecendo o estabelecimento e manutenção de laços entre sujeito-território. Apresenta, ainda, potencialidades como: inaugurar novas relações com a cidade, buscando alargar os modos de habitá-la, tensionando-a para que possa ser habitat da diferença; contribuir com o processo político, coletivo, de resistência, de retomada da rua como espaço de encontro; promover a diversidade ao romper com as fronteiras invisíveis que

delineiam os territórios em disputa entre a expansão da multiplicidade de existências e a exclusão de corpos que rompem com os tratados da cisheteronorma branca. Fortalecendo as subjetividades-corpos-territórios forjadas na diferença como lugar de potência. É no encontro e na coletividade que vamos construindo nossas trocas, avaliando e desenhando nossos próximos passos.